

ANNE e CIA
CASA dos SONHOS



L. M. MONTGOMERY

ANNE e a
CASA dos SONHOS

 editora
coerência

TRADUÇÃO
Leandro Zapata

Copyright © L. M. Montgomery, 1937
Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

TÍTULO ORIGINAL

Anne's House of Dreams

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

TRADUÇÃO
Leandro Zapata

PREPARAÇÃO
Monique D'Orazio

REVISÃO
Bianca Gulim
Jadna Alana

CAPA
Mirella Santana

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Montgomery, L.M.
Anne e a casa dos sonhos / L. M. Montgomery; tradução de Leandro Zapata. –
1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

Título original: Anne's House of Dreams
ISBN: 978-65-89850-02-1

1. Literatura infantojuvenil I. Título

CDD: 028.5



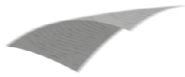
São Paulo
Avenida Paulista, 326,
cj 84 - Bela Vista
São Paulo | SP – 01.310-902
www.editoracoerencia.com.br

Para Laura, em memória dos velhos tempos.



II

NO SÓTÃO DE GREEN GABLES



— Graças a Deus, nada mais de geometria, nem aprendendo nem ensinando — disse Anne Shirley, com uma pitada de vingança, ao jogar um volume um tanto surrado do livro de geometria de Euclides em um grande baú.

Ela bateu a tampa em triunfo e sentou-se em cima, fitando Diana Wright do outro lado do sótão de Green Gables com os olhos cinzentos que eram como o céu da manhã. O sótão era um lugar sombrio, sugestivo e delicioso, como todos os sótãos deveriam ser. Pela janela aberta, à qual Anne se sentava, soprava um doce, perfumado e aquecido ar de uma tarde de agosto. Do lado de fora, ramos de álamos farfalhavam e dançavam com o vento. Além deles, estava a floresta, onde a Alameda dos Amantes formava seu caminho encantado, e o velho pomar de maçãs ainda continha seus frutos róseos magnanimamente.

Acima de tudo, havia uma grande serra com nuvens brancas como a neve no céu azul meridional. Pela outra janela, vislumbrava-se um distante e branco mar: o lindo golfo de Saint Lawrence, no qual, como uma joia, flutuava Abegweit, cujo suave e doce nome indiano havia sido esquecido pelo mais prosaico nome Ilha do Príncipe Eduardo.



Diana Wright, três anos mais velha do que da última vez que Anne a vira, havia se tornado um tanto mais matrona no tempo decorrido. Mas seus olhos eram tão pretos e tão brilhantes; suas bochechas, tão rosadas; e suas covinhas, tão encantadoras quanto nos dias passados, quando ela e Anne Shirley juraram amizade eterna em Orchard Slope. Em seus braços, trazia uma criatura pequena, dorminhoca e de cabelos pretos e encaracolados, que havia dois anos felizes era conhecida no mundo de Avonlea como a Anninha Cordelia. As pessoas de Avonlea sabiam por que Diana a batizara de Anne, é claro, mas estavam confusos em relação ao Cordelia. Nunca havia qualquer Cordelia entre os conhecidos dos Wright ou dos Barry. A sra. Harmon Andrews dissera que Diana devia ter visto o nome em um romance desprezível, mas achava que Fred, se tivesse mais juízo, teria proibido. Mas Diana e Anne sorriam uma para a outra. Elas sabiam como Anninha Cordelia tinha conseguido seu nome.

— Você sempre odiou geometria — disse Diana com um sorriso nostálgico. — Eu deveria ter imaginado que ficaria feliz de não ensinar mais, de qualquer forma.

— Oh, sempre gostei de ensinar, exceto geometria. Esses últimos três anos em Summerside foram muito prazerosos. A sra. Harmon Andrews me disse, quando voltei, que eu não acharia a vida de casada melhor do que a de professora, como eu esperava. Evidentemente, a sra. Harmon tem a mesma opinião de Hamlet: é melhor aturarmos as tristezas conhecidas do que correr para outras desconhecidas.

A risada de Anne, tão jovial e irresistível como sempre, mas com uma nota adicional de doçura e maturidade, ecoou pelo sótão. Marilla, na cozinha abaixo, misturando uma conserva de ameixa, ouviu-a e sorriu; então, suspirou pensando em como aquela querida risada raramente ecoaria por Green Gables nos anos que se seguiriam.

Nada na vida de Marilla dera tanta felicidade quanto saber que Anne se casaria com Gilbert Blythe, mas toda felicidade devia trazer consigo uma sombra de dor. Durante os três anos em Summerside, Anne voltara para casa com frequência durante as férias e fins de semana; mas, depois disso, uma visita bianual era o máximo que ela poderia esperar.

— Você não precisa se preocupar com o que a sra. Harmon diz — sugeriu Diana, com a certeza calma de uma mulher casada havia quatro anos. — A vida de esposa tem seus altos e baixos, é claro. Você não deve esperar que tudo sempre aconteça suavemente, mas posso afirmar, Anne, que se casar com o homem certo nos dá uma vida feliz. — Anne ocultou um sorriso. Os ares de vasta experiência de Diana sempre a surpreendiam um pouco. *Ouso dizer que também os terei quando estiver casada por quatro anos*, ela pensou, *mas decerto meu senso de humor irá me guardar disso*. — Já está certo onde você vai viver? — perguntou Diana, abraçando Anninha Cordelia com o inimitável gesto de maternidade que sempre injetava o coração de Anne, cheio de doçura e inexplorados sonhos e esperanças, com uma adrenalina que era metade prazer puro e metade uma estranha e etérea dor.

— Já. Era isso que eu queria lhe falar quando telefonei para você vir aqui hoje. Por sinal, mal consigo acreditar que agora temos telefones em Avonlea. Parece tão absurdamente atual e moderno para este velho lugar querido e vagaroso.

— Podemos agradecer a S. M. D. A. por isso — disse Diana. — Nunca teríamos uma linha se eles não tivessem aceitado o desafio e não desistido. Muitos baldes de água fria foram jogados na sociedade para desencorajá-la. Entretanto, eles persistiram. Você fez algo esplêndido para Avonlea quando fundou aquela sociedade, Anne. Como nós nos divertimos nas reuniões! Será que você se esquecerá do salão público azul ou da ideia de Judson Parker de pintar propagandas de remédios em sua cerca?

— Não sei se estou completamente agradecida pela S. M. D. A. quando se trata do telefone — disse Anne. — Oh, sei que é muito conveniente, mais até do que nosso velho sistema para sinalizar uma à outra usando lampejos de velas! E, como a sra. Rachel diz: “Avonlea deve acompanhar a procissão. É isso”; mas, de alguma forma, sinto como se eu não quisesse Avonlea estragada pelo que o sr. Harrison, quando ele quer ser gracioso, chama de “inconveniências modernas”. Eu gostaria de mantê-la como foi nos nossos queridos dias passados para sempre, mas isso é bobo, sentimental e impossível. Então, imediatamente me

tornarei sábia, prática e possível. O telefone, como o sr. Harrison diz ao ceder, é uma “maldita de uma coisa boa”, mesmo você sabendo que provavelmente meia dúzia de pessoas interesseiras estão ouvindo na linha.

— Essa é a pior parte. — Suspirou Diana. — É tão chato ouvir os receptores descendo sempre que você liga para alguém. Dizem que a sra. Harmon Andrews insistiu que o telefone deles ficasse na cozinha para que ela possa ouvir sempre que tocar e ficar de olho no jantar ao mesmo tempo. Hoje, quando você me ligou, eu distintamente ouvi o estranho relógio dos Pye batendo a hora. Então, sem dúvida que Josie ou Gertie estavam ouvindo.

— Oh, então foi por isso que você disse: “Vocês compraram um relógio novo para Green Gables, não?”. Não consegui imaginar o que você estava tentando dizer. Ouvi um clique rancoroso assim que você falou. Imagino que era o receptor dos Pye sendo desligado com uma energia profana. Bem, não ligue para os Pye. Como a sra. Rachel diz: “Os Pye sempre foram os Pye, e Pye eles sempre serão até o dia do juízo final. Amém”. Quero falar de coisas prazerosas. Já está decidido onde minha nova casa será.

— Ah, Anne, onde? Espero que seja próximo daqui.

— Não... Essa é a desvantagem. Gilbert irá se instalar em Four Winds Harbor... A quase cem quilômetros daqui.

— Cem?! Não faria diferença se fosse seiscentos. — Suspirou Diana.
— Eu nunca consigo ir mais longe que Charlottetown.

— Você precisa ir para Four Winds. É o porto mais bonito da ilha. Há uma pequena vila chamada Glen Saint Mary na entrada, e o dr. David Blythe tem clinicado lá há cinquenta anos. Ele é o tio-avô de Gilbert, sabe? Vai se aposentar, e Gilbert irá tomar o seu lugar. O dr. Blythe ficará com a casa, então teremos de encontrar uma moradia para nós. Não sei ainda como ou onde será, na realidade, mas tenho uma casinha dos sonhos toda mobilhada na minha imaginação: um pequeno e deleitoso castelo na Espanha.

— Aonde você irá para sua lua de mel? — perguntou Diana.

— Lugar nenhum. Não fique tão horrorizada, Diana, querida. Você fica parecendo a sra. Harmon Andrews. Ela, sem dúvida, dirá de forma

condescendente que as pessoas que não podem pagar por luas de mel são realmente sensatas de não as ter. E, então, ela irá me lembrar que Jane foi para Europa na dela. Quero passar a *minha* lua de mel em Four Winds na minha própria casa dos sonhos.

— E você decidiu que não terá nenhuma madrinha?

— Não há ninguém que possa ser. Você, Phil, Priscilla e Jane foram mais rápidas do que eu quando se trata de casamentos; e Stella está lecionando em Vancouver. Não tenho mais nenhum espírito irmão, e não terei uma madrinha que não seja um.

— Mas você vai usar um véu, não vai? — perguntou Diana, ansiosa.

— Sim, vou. Não me sentiria uma noiva se não usasse. Eu me lembro de ter dito a Matthew, naquela noite quando ele me trouxe para Green Gables, que não esperava ser uma noiva porque era tão simples que ninguém jamais desejaria se casar comigo, a não ser que algum missionário estrangeiro o quisesse. Eu tinha a ideia de que missionários estrangeiros não poderiam ser exigentes quando se tratava de aparência, já que eles queriam que uma garota arriscasse a vida entre canibais. Você tinha de ter visto o missionário com quem Priscilla se casou. Ele era tão lindo e inescrutável quanto os homens dos sonhos com quem um dia planejamos nos casar, Diana. Ele era o homem mais bem-vestido que já conheci, e adorava a “beleza etérea e dourada” de Priscilla, mas, é claro, não há canibais no Japão.

— Seu vestido de noiva parece ter saído de um sonho, de qualquer forma. — Suspirou Diana, entusiasmada. — Você parecerá uma perfeita rainha nele, já que é tão alta e magra. Como você *consegue* ficar tão magra, Anne? Estou mais gorda do que nunca. Logo, nem terei mais uma cintura.

— Corpulência e magreza parecem ser questões de predestinação — disse Anne. — No fim das contas, a sra. Harmon Andrews não pode dizer a você o que disse para mim quando voltei para casa de Summerside: “Bem, Anne, você está tão magrela como sempre”. É bem romântico ser chamada de “magra”, mas “magrela” tem uma conotação muito diferente.

— A sra. Harmon tem falado sobre seu enxoval. Ela admite que é tão bom quanto o de Jane, apesar de também dizer que Jane se casou

com um milionário e que você está se casando apenas com um “pobre e jovem médico sem um centavo no bolso”.

Anne riu.

– Meus vestidos *são* bons. Amo coisas bonitas. Eu me lembro do primeiro vestido bonito que possuí: aquele marrom que Matthew me deu para eu vestir no nosso concerto na escola. Antes daquela tarde, tudo que eu tinha era muito feio. Pareceu a mim que eu estava dando o primeiro passo em um novo mundo naquela noite.

– Essa foi a noite que Gilbert recitou “Bingen de Reno” e olhou para você quando ele disse: “Existe outra, que não é uma irmã”. E você ficou tão furiosa porque ele colocou seu lenço rosa no bolso da camisa! Você jamais imaginou naquele momento que se casaria com ele.

– Oh, bem, esse foi outro momento de predestinação.

Anne riu enquanto desciam as escadas do sótão.